

CRIANÇAS DO GUETO

2

**ELIAS
KHOURY
STELLA
MARIS**

Traduzido do árabe por
Safa Jubran

Tabla

PRÓLOGO

PRONOME DA TERCEIRA PESSOA¹

Stella Maris ou Estrela do Mar é a varanda de Deus com vista para a pomba que mergulha na água e que chamamos de Haifa.

Nessa varanda, bem no ponto onde a colina do profeta Elias nos leva ao milagre, o protagonista e narrador desta história, Adam Dannun, descobriu seus múltiplos rostos, reconciliou-se com seus nomes e teceu sua história. Foi aí que ele provou o gosto do primeiro beijo e foi apresentado aos prazeres e às dores do amor. Aí ele jurou fidelidade à moça que amou, e aí também aprendeu o alfabeto da traição para apagar as feridas do coração com novas feridas.

Quando a memória da varanda de Deus o varria, enquanto tentava pintar seu próprio retrato com a tinta das palavras, ele via Haifa mergulhar no mar das alturas do monte Karmel e abrir suas asas como se a água se tornasse o vasto céu. Afundava e depois flutuava, transformando-se em refúgio para esse jovem cujo único amparo era a sensação de que o que ele vivia era simplesmente a sombra da vida de outra pessoa que, por sua vez, nada mais era que a sombra de uma história sem autor.

Agora, uma saudade arrebatadora o leva de volta a Stella Maris, onde costumava ficar sozinho, sentindo-se ausente e invisível. Adam

1 Em árabe, “*damir*” quer dizer “pronome”; significa também “consciência” e, por extensão, “escrúpulo”. “*Ghaib*” significa “ausente”, “não presente”. Portanto, “*damir alghaib*”, literalmente “pronome/consciência do ausente”, é a expressão que se usa para indicar o pronome da terceira pessoa ou do referente. Neste romance, o termo entra em jogo com o significado literal: “consciência do ausente”. (Todas as notas ao longo deste livro são da tradutora.)

ansiava pelos tempos da ausência, por isso recorreu à terceira pessoa, ao pronomine do ausente, para escrever sua própria ausência.

Foi aí, no monte Karmel, onde a história adulterou as histórias do lugar, que nasceu o segundo Adam, em uma varanda estendida sobre o monte. Aí ele preenchia com o mar sua solidão e seu sentimento de alienação, lavava os olhos com o poente e afundava no silêncio do ar marítimo, que espargia seu rosto com o gosto do sal.

Adam, filho de Hassan e Manal Dannun, nascido no gueto de Lidd em 1948, decidiu que sua história começaria no momento em que se sentou na varanda de Deus, Stella Maris, e respirou o ar da liberdade que brotava da maresia. Passava horas a fio no assento de pedra da varanda da cidade, onde se refugiava da lembrança da mãe, do trabalho na oficina ou da casa enorme que os proprietários abandonaram em Wadi-Assalib, e que foi dada a ele de presente pelo dono da oficina em seu aniversário de dezesseis anos. Adam contara à namorada, Rifqa, quando ela lhe pediu para irem à casa dele para fazer amor pela primeira vez, que temia os fantasmas das pessoas que habitavam as casas abandonadas; que, quando ele estava em casa, andava na ponta dos pés para não acordar as assombrações dos ausentes que foram expulsos dali e engolidos pelo mar; que escutava o som de suas vozes aninhadas entre as pedras e via seus rostos cobertos pela penumbra da ausência enquanto vagavam pela casa como se se despedissem do lugar ou tentassem recuperá-lo.

Adam Dannun não encontrava as palavras certas para explicar a Rifqa que temia os donos da casa, os quais conhecia, todos eles, dos retratos pendurados nas paredes, e que temia, sobretudo, os olhos da jovem que carregava o filho bebê, pois, nos olhos daquela mulher, cujo nome desconhecia, via a dor acumulada nos cantos, o medo espalhado no branco e a luz que cintilava nas pupilas.

Adam não teve coragem de contar que não podia trair essa mulher na casa dela — que, segundo o sr. Gabriel, já era dele. Uma semana depois de se mudar para lá, o jovem retirou todos os retratos da família de Haifa que morava ali. Arrancou tudo e guardou em um dos quartos; então, notou que os lugares em que os retratos estavam pendurados ficaram manchados pelas assombrações brancas da

ausência. Ele preferiu conviver com as manchas e evitar os olhares dos donos da casa, que preenchiam sua alma de uma sensação estranha, misto de pavor e culpa. Mas o retrato da mulher não o deixou em paz por um segundo sequer. Adam o pegou de volta, pendurou-o no meio da parede e pediu desculpas a ela. Deu-lhe o nome de Chahla. O retrato de Chahla e de seu filhinho, a quem chamou de Naji, era sua companhia naquela casa habitada pelos fantasmas dos ausentes.

Se naquele tempo Adam conhecesse os significados do amor, teria dito que Chahla foi seu primeiro. Como poderia um rapaz de dezesseis anos contar uma história de amor digna de ser incluída em *O colar da pomba*, de Ibn-Hazm — o escritor andaluz que descreveu formas de amar que não passavam pela cabeça de ninguém —, narrar a paixão por uma imagem que se transforma em desejo e causa grande desespero ao amante, o degrau mais alto na escala do amor?

A mulher do retrato se parecia muito com Manal, sua mãe. O tempo não deixou vestígios na juventude daquela mulher, que luzia tristeza; ela apertava contra o peito seu bebê, que seria criança para sempre, pois os ausentes não envelhecem nem morrem.

Teria sido Chahla, a que pendia na parede da memória da casa em Wadi-Assalib, seu primeiro amor? Ou ela nada mais era que um retrato pendurado na brancura da memória?

Em Stella Maris, Adam Dannun decidiu expulsar as recordações aninhadas em sua vida e recomeçar como se tivesse nascido de si mesmo. Viveria sozinho e enterraria o passado em um baú sob a terra. Haifa seria o piso desse baú. Esqueceria tudo, enterraria no baú do esquecimento a história de Lidd, de suas dores, e as histórias dos amantes, e seguiria adiante.

As perguntas que tirariam o sono do escritor dessas histórias eram: como escrevem os ausentes? Consegue o ausente narrar sua história em primeira pessoa, redigindo como se lembrasse? Ou seria preciso recorrer à terceira pessoa, que escreveria por ele?

O jogo dos pronomes na língua árabe é extraordinário e não encontra igual em outros idiomas. A partícula que fica no lugar da pessoa se chama *damir*, que é também a moral interna e invisível. Como podem então os romancistas escrever com uma consciência

ausente? E o que significa a consciência se ausentar para que seja possível narrar?

No momento em que deixou a casa de Manal, em Haifa, Adam percebeu que havia escolhido a ausência, por isso só via uma saída: dividir Adam em duas partes, uma para a presença e outra para a ausência. A primeira metade viveria o dia a dia na cidade de Nova York, ausente no lugar, presente no texto. A segunda viveria em Haifa, ou seja, presente em um lugar ausente. Este presente-ausente ou ausente-presente admite a superioridade linguística dos israelenses, pelo menos nesse caso. O legislador israelense que inventou o termo “ausente-presente” foi um gênio, pois superou a imaginação de todos os dramaturgos do teatro do absurdo, designando um povo inteiro com esse título absurdo.

Os gramáticos árabes chamam o pronome da terceira pessoa de “pronome oculto”. O escritor desta narrativa se vê obrigado a estar oculto. Escreverá sobre Adam como se o descobrisse. Esquecerá a criança que foi encontrada quase morta sobre o peito da mãe debaixo de uma oliveira no longo caminho entre Lidd e Naalin, e verá a vida com outros olhos. Jogará com a ausência até o fim. Ficará ausente para escrever sobre lugares ausentes. Mas a loucura deslumbrante nos olhos de Chahla, desenhados no retrato da memória, lhe mostrará a impossibilidade desse jogo, porque a ausência dessa mulher por trás dos olhos amendoados, cor de mel, provocará nele uma saudade muda de sua jovem mãe, a quem nunca conseguiu esquecer.

Naquela estranha noite do mês de dezembro, quando as nuvens esconderam as estrelas, Adam fez amor com Rifqa sob a janela do ciúme que brilhou nos olhos de Chahla, e descobriu que a vida não passava de uma farsa que temos de enfrentar com uma farsa parecida, para não sermos esmagados pela memória da saudade e do medo, e para que não nos tornemos fantasmas que vivem com fantasmas de pessoas que habitam as casas de Wadi-Assalib que estavam desabando.

A POMBA BRANCA

A PARTIDA

(1)

Adam Dannun tinha quinze anos quando deixou, na madrugada de segunda-feira do dia 18 de novembro de 1963, a casa da mãe, que ficava no sopé do monte Karmel.

Eram duas da manhã. Adam ajeitou sua pequena mochila nas costas e caminhou descalço na ponta dos pés até a porta; então, abaixou-se para calçar o sapato e, quando começou a se erguer, depois de ter amarrado os dois cadarços, viu Manal à sua frente. Estava com uma pasta nas mãos e a entregou a ele.

Adam planejava partir sem se despedir, por isso caminhara devagar para não acordar Manal. Queria evitar as cenas de despedida que sua imaginação tecera. Sairia de casa sem alarde e deixaria tudo para trás. Levaria seus livros escolares e algumas roupas.

No entanto, Manal apareceu de repente com sua camisola azul, como se tivesse saído de seus sonhos. Ele se ergueu e a viu à sua frente. Então, deu alguns passos para trás e apoiou as costas na parede.

Ela disse que sabia que ele iria embora e que se preparava para aquele momento havia dez anos, por isso guardara o testamento deixado por Hassan Dannun para seu único filho, a quem a morte impediu de conhecer.

— Isso é seu, pegue. É um testamento... o testamento do seu pai.

O rapaz estendeu a mão trêmula e pegou a pasta. Fazia tempo que Adam não se sentia tão varrido pela emoção como naquele momento. Estava exausto. Apoiou as costas na parede antes de deslizar e se sentar no chão, com a pasta na mão.

— Esses documentos — Manal sussurrou — são o testamento do seu pai, que entrego a você apesar de ele ter deixado para mim. Só

que eu não o mereço. Esses documentos são a única herança deixada por ele para você.

— Chama esses papéis de herança?

— Palavras são tudo que temos — Manal balbuciou.

A penumbra em torno da longa camisola azul da mãe transformou aquela mulher em uma sombra que brilhava com uma luz invisível, uma aura que a envolvia por inteiro. Tudo que Adam viu foi essa aura que envolvia dois olhos semicerrados, pálpebras trêmulas e uma mão estendida.

A mulher se inclinou sobre o filho como se fosse apertá-lo contra o peito, mas voltou atrás. O rapaz estendeu as mãos para a mãe, agora inclinada, mas a mulher, cuja camisola azul se confundia com as sombras da penumbra, desapareceu naquele azul.

Sua voz tinha saído do poço do silêncio ao falar do testamento do pai, e a ele voltou. Adam apoiou as costas na parede para se levantar, ergueu-se um pouco, mas logo caiu sentado outra vez. Novamente, a mulher estendeu-lhe a mão. Adam a agarrou, juntou as forças e se levantou. Quando ficou de pé, não achou nada para dizer. Ela olhou dentro dos olhos dele e lhe pediu que esperasse um pouco até a chuva parar; então, virou as costas e voltou para o quarto. Fechou a porta e sumiu.

Quando Adam recorda aquele momento da despedida, suas pernas o traem e ele se senta para não cair no chão. É varrido pelo barulho da chuva batendo nas janelas e se vê cercado pelas fortes rajadas de vento.

O rapaz gostava de descrever sua mãe como a mulher do desabamento. Manal, de cujos seios secos ele mamou quando bebê e que o deixou sedento a vida toda, era para ele um segredo lacrado com silêncio e fragmentos de palavras. De sua voz, só se lembrava de trechos desarticulados, como se ela falasse para si mesma, permitindo a saída de sons incompreensíveis, que remetiam a palavras não ditas ou, se ditas, indecifráveis. A imagem da jovem Manal, como Adam se lembrava dela, foi substituída pela da mulher que desabou no chão ao recebê-lo em casa quando ele voltou de Nazaré.

Seu amigo Ibrahim morrera durante uma partida de futebol entre os times de Nazaré e Ailabun, por isso Adam ficou três dias

na “capital da Galileia”, como o povo de Nazaré gosta de chamar sua própria cidade. Manal não conseguiu deixar Haifa para acompanhar o filho naqueles dias difíceis, porque seu marido, Abdallah Alachhal, não permitiu. Três dias mais tarde, quando o filho voltou para casa depois de ter convivido com a morte do amigo e com o interrogatório israelense, que o acusava de ser o responsável, Manal correu até a porta com os braços abertos e, antes de alcançar o filho, desabou no chão. Seu dorso se dobrou como se ela estivesse prestes a se sentar, depois Manal caiu sobre a bacia antes de se desmanchar e tombar sobre as costas com as mãos estendidas e o rosto trêmulo.

Adam segurou a mãe pela mão para erguê-la. Foi quando sentiu a ternura pulsar nos dedos dela. Ele recordava desse movimento como ternura, mas sabia que o termo não era adequado. Pode-se dizer que sentiu o espírito da mãe se espalhar pelos dedos delgados e delicados como seda. Aproximou-se bem do rosto dela, viu a sombra de seus olhos fechados e ficou com medo da morte. Pensou que a mãe estava morrendo, mas não gritou. Seu coração acelerou e ele ficou ofegante. Passou a mão nos olhos dela; ela os abriu e se preparou para ficar de pé. Adam beijou sua testa e a ajudou a se levantar. Já de pé, pôde vislumbrar nos lábios da mãe um tímido sorriso de desculpas. Ela o pegou pela mão e o conduziu até o banheiro. Pôs o dedo nos lábios dele, um sinal para que não falasse, e fez um gesto para que tirasse suas roupas perto da porta. Então pegou as roupas que cheiravam a prisão e as jogou no lixo. Mandou-o tomar banho. Quando ele saiu limpo e radioso pela bênção da água, encontrou uma mesa posta por Manal: ovo frito com sumagre, queijo branco, azeitonas, mel e chá. Ela se sentou e ficou observando o filho devorar a comida. Quando ele terminou, Manal mandou que fosse dormir.

Ela não lhe fez nenhuma pergunta, pois sabia que Adam era inocente. Ele não disse nada nem se queixou. Temeu, por ela, o efeito das palavras que descreveriam o sofrimento de um menino que nem catorze anos tinha ao ser preso, acusado de um crime que não cometera. Adam sabia que as palavras abriam feridas ao alcançarem a mãe. Quando ele a via sair do quarto depois de escutar os gritos e xingamentos do marido, reparava que o pescoço dela estava todo

machucado. Suas feridas eram como seus olhos. Olhos que não vertiam lágrimas e um pescoço ferido que não sangrava.

Adam decidiu ir embora. Sentiu que a mãe não queria que ele testemunhasse a humilhação dela, e teve a sensação de que as paredes da casa o sufocavam. Não havia mais ar suficiente naquele lugar. Não lhe passou pela cabeça dizer para ela ir com ele? Por que não fugiam? Ele sabia que ela não tinha para onde ir. Voltar à Ailabun, sua aldeia, era impossível, pois não apenas ela havia fugido de lá com o combatente Hassan Dannun, com quem teve um filho, mas se casara, depois da morte do primeiro marido, com um homem que alegava ter perdido a primeira esposa na escuridão da Nakba. Quanto a Lidd — que, apesar de seus tormentos, fora um paraíso perdido —, ela teve que deixar a cidade depois de a casa onde morava ter sido confiscada pelos judeus, com a justificativa de ter se tornado parte dos bens dos ausentes e, portanto, propriedade da Fundo Nacional Judaico.

Uma mulher sem família que se apoiava na própria sombra, a qual se quebrava nas oliveiras e laranjeiras, onde colhia seu sustento como trabalhadora informal em uma terra confiscada, outrora propriedade do marido. Mas até essa humilhação havia se tornado um desejo impossível.

A história de Adam Dannun estava escrita nos cílios de sua mãe, uma mulher que só falava aos sussurros e registrava suas reações com as pestanas; e o rapaz tinha de ler o que escreviam aqueles movimentos rápidos ou lentos, para entender as mensagens que Manal queria passar.

Adam pensava que a vida da mãe tinha terminado ali, pendurada no arame farpado do gueto de Lidd, que, embora arrancado do chão, permanecia instalado na consciência. Manal, que deixara sua aldeia Ailabun para se aventurar no mundo desconhecido de seu amado em Lidd, viu-se presa no gueto. Uma jovem com um bebê nos braços, guiada por um rapaz cego de dezoito anos, que decidira ser os olhos de uma mulher que não sabia nada a respeito do lugar onde ficara presa e não tinha nenhuma alternativa a não ser permanecer onde estava.

A lembrança de Adam do sumiço do cego Mamun adotara a forma de uma casa silenciosa, sem vida. Ele tinha sete anos. Voltou da escola para casa, que cheirava a incenso. A mulher escondia o rosto entre as mãos sentada na frente da imagem da Virgem com o filho no colo. Ela não se moveu mesmo escutando os passos dele.

— Onde está Mamun? — ele perguntou.

Ela não respondeu. Permaneceu inclinada sobre as mãos como se não enxergasse; depois se levantou, de repente. Apertou a imagem contra o peito antes de devolvê-la para debaixo do colchão, seu lugar. Naquele dia, Adam entendeu que Manal se tornara órfã como ele, e que ele tinha de ser para ela pai e marido, para salvá-la de seu destino. Esses sentimentos que Adam conseguia recuperar agora, enquanto reorganizava sua memória, não eram nítidos naquele dia frio de outono, quando voltou para casa depois de ter passado três dias na prisão, acusado de um crime que não cometeu.

Adam Dannun foi detido em Nazaré no dia do assassinato do amigo Ibrahim, que era goleiro do Nazaré. Ibrahim era cinco anos mais velho que Adam. Mudou-se de Lidd para Nazaré com sua mãe, para morrer com uma bola chutada por Naim Sálím, famoso por seus chutes indefensáveis. A bola bateu no peito de Ibrahim. Disseram que seus pulmões se fecharam e ele morreu sufocado. Adam não teve nada a ver com isso. Tinha ido a Nazaré como visitante e seu amigo, para agradá-lo, lhe deu o uniforme do time e o deixou sentado no banco de reservas para assistir à partida. Quando viu o amigo se debatendo no chão, Adam correu para socorrê-lo. Ele foi detido e Naim conseguiu escapar. Adam recordava essa história da morte do amigo como um encontro fracassado com a tristeza. Ser preso o levou a desprezar a si mesmo, pois em vez de lamentar e pensar na morte do amigo, temeu por si; e, quando foi solto depois de provarem sua inocência, sentiu que podia dançar de tanta felicidade, a ponto de ter ido diretamente para Haifa, sem antes passar na casa do amigo para dar os pêsames à família.

A mulher do desabamento, que o recebeu na porta de casa, não lhe perguntou nada. Disse que estava certa da inocência dele e que o entregara a Alkhidr dizendo:

— Ó São Jorge, cuide do meu menino.

Não lhe perguntou como conseguiu chegar, nem que Chevrolet vermelho era aquele que o trouxera para casa. Comportou-se como se soubesse de tudo. A pergunta sem resposta que confundiu Adam foi: como ela soube que o filho chegaria naquele exato momento? Ele encontrou a porta aberta e Manal à sua espera para recebê-lo com seus desmaios e com um delicioso café da manhã, que foi preparado em um piscar de olhos.

A morte de Ibrahim em Nazaré foi um ponto de virada na vida de Adam. Era a primeira vez que via a morte com os próprios olhos. Quando Adam Dannun relembrava aquele momento, sentia-se exausto e com vontade de dormir. O rapaz nascido no gueto de Lidd, onde passou sua infância, repleta de histórias de corpos decompostos e de humilhações sofridas pelas pessoas que viviam naquela gaiola, que tinha a morte como mais uma história entre as que ele escutava como contos de fadas, que acompanham o despertar das crianças para sua língua, encontrou-se pela primeira vez diante de uma morte real e que não se parecia em nada com uma história.

Ele se inclinou sobre Ibrahim e lhe pediu que se levantasse, mas o goleiro, de olhos fechados e rosto congestionado, não atendeu à súplica, como se tivesse perdido a audição. Adam abraçou-o para ajudá-lo a se inclinar e ficar de pé, mas Ibrahim estava pesado, difícil de mover. Os socorristas chegaram e mandaram Adam se afastar, puseram o goleiro sobre uma maca e o levaram. Naquele momento, o corpo carregado não era mais o corpo de Ibrahim, pois no lugar do rosto do amigo ele viu uma máscara amarelada, e entendeu que a morte não significava apenas a retirada do espírito do corpo, mas a retirada do corpo do corpo: o cadáver se torna um estranho que não se parece com seu dono.

A primeira experiência de Adam com a morte o fez compreender como a morte em Lidd se transformava em história, pois, no instante que o espírito deixa o corpo, este perde a identidade que o protegia da extinção e da decomposição. Com isso, qualquer fala sobre a morte se torna neutra, sem emoção, um mero momento de silêncio entre duas palavras; então, transforma-se em história.

Quando o levaram para depor, Adam tinha certeza de que quem morrera não era Ibrahim; seu amigo havia sumido detrás de

um cadáver que não se parecia com o dono. Adam não conseguia entender por que não chorou. Em vez de ser varrido pela tristeza, foi tomado pelo medo dos investigadores que zombavam de seu sotaque oriental quando falava hebraico e de seu pavor, que fazia seu queixo tremer sem parar.

Adam descobriria, depois de migrar para Nova York, onde moreria sozinho, queimado devido à guimba de um cigarro aceso entre seus dedos, que Ibrahim, com sua absurda morte repentina, o levava a fazer as pazes com as muitas mortes que povoavam as histórias de sua infância. Só então foi capaz de pensar na tragédia de Lidd como uma história única redigida nos olhos das vítimas.

Às duas da madrugada da segunda-feira do dia 18 de novembro de 1963, ou seja, um ano depois de sua breve detenção em Nazaré, Adam encontrou a mãe esperando-o à porta. Ela soube sem que ninguém lhe contasse, e ele ficou abismado com aquela mulher que tinha uma voz interna que lhe contava tudo sobre seu único filho.

Se pedissem a Adam para contar a história da mãe, ele redigiria páginas e páginas com tinta branca. Era assim que ele sempre se via, escrevendo em branco no branco, em vez de escrever e depois apagar, como fazem os escritores. Ele escreveria uma história branca traçada com silêncio, sussurros e indícios do indizível, para dizer sem dizer.

Adam nunca traiu sua mãe a não ser uma única vez, quando revelou a Dália que escreveria sua história no corpo dela com tinta branca. A namorada riu e disse que ele estava alucinando. Ele estava chegando ao clímax do êxtase, quando um corpo se une a outro, o prazer se funde com o prazer, as palavras se calam e o espírito de Deus bate suas incontáveis asas sobre a água do amor, que jorra da fonte da vida. Nesse momento, o amor se torna química da alma e o homem escreve com sua tinta branca no corpo feminino a história de sua dissolução e fusão na feminilidade da água.

Adam nunca mais repetiu para Dália a história da tinta branca, pois sentia que traía a metáfora que restringira à sua mãe, que não podia incluir nenhuma outra mulher no mundo.

A tinta branca só combinava com Manal, a jovem mulher de lábios rachados que ansiavam por um amor que só chegou como

miragem. Ela perdeu a vida entre três desgostos: o marido Hassan Dannun, que foi alvejado um pouco antes da queda de Lidd, quando ela se transformou na enfermeira da agonia dele; Mamun, o jovem cego que foi seu companheiro nos dias do gueto e pai postiço para o único filho, mas que deixou o gueto quando a criança tinha sete anos; e, finalmente, o desgosto de ter se casado com Abdallah Alachhal, o homem insondável a quem não conseguia se entregar.

Adam tinha certeza de que sua partida não deixaria nenhum desgosto no coração da jovem mulher, que desejava que ele fosse embora. A decisão dele não era senão um eco da vontade oculta dela. Ainda que agora, em seu exílio voluntário em Nova York, ele já não tivesse tanta certeza desse fato. Seria impreciso afirmar que ele se sentia culpado, pois Adam acreditava que há duas palavras que nunca deveriam ser pronunciadas: remorso e culpa, pois banalizam a significância das escolhas. A verdade é que ele sentia um amor arrebatador por essa mulher. Nem mesmo a grande história de amor com Dália conseguiu apagar seu amor pela jovem Manal, que era como um vazio que se esgueirava entre as batidas do coração.

Adam se virou e caminhou com passos lentos até a porta. No fundo, ele esperava que Manal o chamasse e lhe pedisse para ficar com ela. Ele imaginou essa cena inúmeras vezes. Sempre tirava um detalhe para acrescentar outro, dizia algo e depois não dizia. Esses momentos viraram companheiros das noites de Adam; ele se metia na cama, fechava os olhos e começava o jogo das probabilidades, que só era interrompido quando o sono o derrotava.

Em uma primeira versão, Manal pegava na mão dele e derramava lágrimas. Ele retirava a mão com violência e dizia que estava farto dela e de seu rosto afinado pela dor, e que ele construiria uma vida longe da tristeza daquela relação, com o retrato de seu pai escondido no quarto de Manal, para que seu marido não o visse.

Em uma segunda versão, ele pegava o retrato do pai e ia embora. Quando Manal lhe pedia para deixar a foto com ela, Adam lhe dizia que ela não merecia o homem cuja memória fora traída com um novo marido.

— Mas eu o amo e nunca deixarei de amá-lo — ela dizia.

— Ele é meu pai e você não tem nada a ver com ele — Adam respondia, guardando o retrato na mochila e partindo.

Em uma terceira versão, Manal arrancava a mochila de sua mão, tirando o retrato de Hassan de dentro dela e apertando-o contra o peito. Adam se aproximava da mãe para recuperar o retrato, hesitava, depois ia embora.

Em uma quarta versão, ela o pegava pelo ombro, olhava dentro de seus olhos e afirmava que partiria com ele. Adam a afastava de um jeito agressivo e lhe dizia:

— Fique com o seu marido, você o merece!

Em uma quinta versão, ela ficava na porta, bloqueando a passagem, impedindo-o de sair. Ele a encarava e dizia:

— Afaste-se de mim, mulher!

As palavras atingiam seu pescoço, machucando-o. Manal levava a mão até as feridas, gemia baixinho, abaixava a cabeça e abria passagem para ele.

Em uma sexta versão, ela agarrava as mãos dele e lhe pedia para não esquecer que ela era sua mãe e que o amaria até o último dia de sua vida. Ele olhava para ela e lhe dizia que já se esquecera de tudo e que recomeçaria a vida como se tivesse acabado de nascer.

Em uma sétima versão, ela desabava no chão e ele se inclinava sobre ela para despertá-la de seu desmaio com beijos; pedia desculpas por lhe fazer sofrer, mas dizia que não podia mais ficar.

Manal falava muito nas noites de Adam. Seu sono ficava abarrotado de sua voz. Ele ensaiara todas as probabilidades que envolviam a tristeza dela, o temor pelo filho e sua preocupação com o destino dele. No entanto, quando Manal viu o filho pegar a mochila para ir embora, acabou frustrando todas as expectativas de Adam, pois não caiu no chão nem estendeu a mão pedindo ajuda. Ela simplesmente disse umas poucas palavras sussurradas e ficou de pé como uma sombra, cambaleando na escuridão. Ajudou-o a se levantar, entregou a ele o testamento do pai, afastou-se da entrada, voltou para o quarto e fechou a porta devagar.

Adam se viu sozinho. Partiu sem olhar para trás.